



LHM

## DIVISÃO E UNIFICAÇÃO ALEMÃ ATRAVÉS DE OLHOS BRASILEIROS: IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO, JOÃO ANTÔNIO, RUBEM FONSECA E JOÃO UBALDO RIBEIRO

Ana Paula Seerig\*<sup>1</sup>

\*Universidade de São Paulo (USP)

e-mail: aseerig@usp.br

**Resumo:** Entre 1982 e 1991, diferentes escritores brasileiros estiveram em Berlim como bolsistas do Deutscher Akademischer Austauschdienst (DAAD). Os relatos sobre a vida na Alemanha dividida têm seu valor aumentado quando colocados lado a lado, já que repassam ao leitor a complexidade vivida pela sociedade alemã após a construção do muro. Ignácio de Loyola Brandão, Rubem Fonseca e João Antônio viveram meses na Berlim Ocidental, enquanto João Ubaldo Ribeiro testemunhou a tensão surgida nos primeiros tempos de país unificado. A leitura das experiências dos brasileiros provoca a reflexão sobre a profundidade das feridas criadas a partir de decisões políticas e o difícil processo de cicatrização.

**Palavras-chave:** Divisão alemã, Ignácio de Loyola Brandão, Rubem Fonseca, João Antônio, João Ubaldo Ribeiro.

### German division and unification through brazilian eyes: Ignácio de Loyola Brandão, João Antônio, Rubem Fonseca e João Ubaldo Ribeiro

**Abstract:** Between 1982 and 1991, different Brazilian writers were in Berlin as Deutscher Akademischer Austauschdienst (DAAD) scholars. The reports about life in the divided Germany have higher value when they are set side to side, once it passes to the reader the complexity lived by the German society after the wall was built. Ignácio de Loyola Brandão, Rubem Fonseca and João Antônio lived for months in the West Berlin, while João Ubaldo Ribeiro witnessed the tension that emerged from the early times of the unification of the country. Reading the Brazilian experiences provoke a reflection on the depth of the wound created by the political decisions and the rough processes of healing.

**Keywords:** German Division, Ignácio de Loyola Brandão, Rubem Fonseca, João Antônio, João Ubaldo Ribeiro.

---

<sup>1</sup> Mestra em Letras, área de concentração Língua e Literatura Alemã, pela Universidade de São Paulo (USP). Título obtido em outubro de 2023 com a dissertação "O olhar de João Ubaldo Ribeiro sobre a unificação alemã: uma leitura histórica da coletânea Um Brasileiro em Berlim". Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7092-2236>



## A divisão alemã

Em maio de 1945, a Alemanha de Hitler capitulou, encerrando a Segunda Guerra Mundial. Cerca de dois meses depois, em Potsdam, cidade próxima a Berlim, iniciava a conferência que culminaria na divisão do território alemão em Zonas de Ocupação. Cada um dos países vencedores (União Soviética, Estados Unidos, Inglaterra e França) ficou responsável por uma área, enquanto a capital também foi dividida em quatro setores.

A intenção dos Aliados era facilitar a reorganização do território alemão, bastante destruído pelo conflito, e a manutenção da paz. Cada potência tinha liberdade de decisão dentro de sua Zona de Ocupação e isso, aos poucos, foi demarcando divisas, especialmente pelo contraste dos regimes econômicos: a União Soviética queria que a Alemanha se tornasse um modelo de implementação do comunismo, enquanto Estados Unidos, Inglaterra e França desejavam mostrar a mágica do capitalismo na reconstrução pós-guerra.

Quanto mais a briga econômica se politizava, mais crescia a tendência de fazer sozinho o que não era possível fazer em conjunto. Os poderes ocidentais incluíram suas três zonas no Plano Marshall, que deveria ajudar a Europa a se reestruturar por meio do crédito norte-americano. Stálin recusou-se a participar do Plano e o proibiu aos Estados de sua área de influência, porque temia uma dependência econômica e, conseqüentemente, política dos Estados Unidos. Os poderes ocidentais fizeram a reforma monetária nas suas zonas, já que não puderam chegar a um acordo com a União Soviética sobre uma reforma única em toda a Alemanha; Moscou introduziu em seguida sua própria moeda na Zona Oriental. A Alemanha estava economicamente dividida em junho de 1948; da briga sobre qual moeda deveria valer em Berlim Ocidental resultou a primeira grande crise de Berlim: A União Soviética bloqueou toda a alimentação dos setores ocidentais, os norte-americanos e os ingleses garantiram sua sobrevivência por meio de uma ponte aérea que durou onze meses<sup>2</sup>. (BENDER, 1996, p. 67)

Como consequência da tensão, as potências capitalistas aceleraram a aprovação da Lei Fundamental, que serviu de base para a fundação da República Federal da Alemanha (RFA), em 8 de maio de 1949. Meses depois, em 7 de outubro do mesmo ano, a República

<sup>2</sup> „Je mehr der ökonomische Streit sich politisierte, desto mehr wuchs die Neigung, allein zu tun, was gemeinsam nicht möglich war. Die Westmächte bezogen ihre drei Zonen in den Marshall-Plan ein, der Europa mit amerikanischen Krediten wieder auf die Beinen helfen sollte. Stalin lehnte eine Teilnahme an dem Plan ab und verbot sie auch den Staaten seines Machtbereichs, weil er wirtschaftliche und damit auch politische Abhängigkeit von Amerika befürchtete. Die Westmächte reformierten die Währung in ihren Zonen, da sie sich über eine Reform für ganz Deutschland mit der Sowjetunion nicht einigen konnten; Moskau führte daraufhin eine eigene Währung in der Ostzone ein. Deutschland war im Juni 1948 wirtschaftlich geteilt; aus dem Streit, ob in West-Berlin der West- oder Ost-Mark gelten sollte, entwickelte sich die erste große Berlin-Krise: Die Sowjetunion schnitt die Westsektoren von aller Zufuhr ab, die Amerikaner und Engländer hielten sie elf Monate lang mit einer Luftbrücke am Leben.“



Democrática Alemã (RDA) foi fundada, determinando a existência de duas Alemanhas. Por muitos anos, uma ignorou a existência da outra, ou melhor, a insistência em não reconhecer a existência da outra foi a base política dos dois países. Segundo Kielmansegg (2007, p. 79), eram “dois estados alemães que, conseqüentemente, não podiam existir um ao lado do outro, mas sim apenas um contra o outro”<sup>3</sup>. Isso se refletia na representatividade alemã em organizações mundiais. Para a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), o posicionamento da Alemanha era defendido pela RFA, enquanto o Pacto de Varsóvia tinha o governo da RDA como representante dos alemães.

Na cidade de Berlim, placas indicavam o início e o fim da Zona de Ocupação de cada Aliado, mas não havia barreiras físicas entre elas. Mesmo com a vigilância, muitos aproveitaram o fácil acesso de uma zona a outra para abandonar de vez o território comunista, muitas vezes sem se despedir da família e levando apenas uma mochila ou bolsa pequena, no intuito de não levantar suspeitas dos guardas. Boatos sobre a construção de uma barreira aumentavam o número de fugas, apesar dos líderes da RDA desmenti-los. Milhares de jovens saíram da zona soviética, deixando as ruas dominadas por crianças e idosos, o que colocava em risco o funcionamento do “país dos trabalhadores”. Por isso, em 13 de agosto de 1961, Berlim acordou com a fronteira demarcada entre a zona comunista e as zonas capitalistas.

O que, em última instância fora quase inimaginável, aconteceu nas primeiras horas da manhã de 13 de agosto de 1961. Às 2h chegaram as primeiras chamadas à Polícia Ocidental de Berlim sobre o bloqueio do lado oriental da cidade. Transeuntes e moradores haviam observado como unidades pioneiras, protegidas por policiais e soldados bem armados do Exército Nacional Popular, começaram a bloquear as ruas para os setores ocidentais com arame farpado e cavalos de frisa. Um quarto de hora depois, o barulho de britadeiras arrancou de seu sono os moradores da rua Friedrich Ebert. Os grupos de combate da SED<sup>4</sup> ergueram barricadas com pedaços de asfalto e paralelepípedos. A partir das 2h o trânsito de metrô e trens foi suspenso no lado oriental. Às 2h30 a polícia de Berlim Ocidental foi colocada em estado de alerta. Uma hora depois, tanques rodavam no lado oriental da cidade. Eles ocuparam posições em áreas centrais: na Avenida Unter den Linden, na Praça Alexander e na Ponte Oberbaum. Ficava cada vez mais fechado o círculo de bloqueio em torno de Berlim Ocidental. Às 4h45 estavam bloqueadas 45 das 60 travessias rodoviárias para os setores ocidentais. Uma hora depois todas as vias de acesso estavam bloqueadas. Refugiados solitários ainda conseguiram quebrar as barreiras em lugares não vigiados. Alguns nadaram decididamente através de canais e extensões de água. Perplexos, milhares de berlinenses se reuniram nas primeiras horas da manhã junto da fronteira agora hermeticamente fechada, onde, separados pelo arame farpado e pela bem armada Polícia Popular, ficaram impotentes uns diante dos outros. Nos

<sup>3</sup> „Zwei deutsche Staaten, die folglich nicht nebeneinander, sondern nur gegeneinander existieren konnten.“

<sup>4</sup> Sozialistische Einheitspartei Deutschlands (Partido Socialista Unificado da Alemanha, responsável pelo governo da RDA)



dias seguintes, equipes de construção substituíram as fortificações provisórias por um sólido muro<sup>5</sup> (MÄHLERT, 2009, p. 98)

O bloqueio das fronteiras foi tão inesperado que nem a prefeitura berlinense nem as três potências ocidentais souberam como agir. Ninguém queria arriscar o início de uma nova guerra, por isso apenas observaram as obras feitas pelo governo soviético. O Muro de Berlim, com extensão de 155 km, contornava todas as zonas capitalistas, dando nova forma às dificuldades diplomáticas entre as duas Alemanhas. Agora a República Federal precisava repensar suas estratégias políticas para suavizar a vida dos cidadãos ilhados no território comunista e facilitar seu acesso ao resto do país. O primeiro passo foi reconhecer a existência da fronteira e, conseqüentemente, as duas Alemanhas passaram a coexistir.

### Brasileiros em Berlim

Enquanto Berlim era uma ilha capitalista dentro da RDA, o Deutscher Akademischer Austauschdienst (DAAD – Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico) ofereceu bolsas a artistas e intelectuais de várias partes do mundo. Com endereço estabelecido dentro dos limites impostos pelo muro, os bolsistas viajavam para outras cidades da RFA para participar de eventos culturais. Três escritores brasileiros vivenciaram a experiência da cidade dividida: Ignácio de Loyola Brandão, João Antônio e Rubem Fonseca, sendo que este último presenciou a Queda do Muro de Berlim. Já os primeiros tempos de unificação foram testemunhados por João Ubaldo Ribeiro, que foi residente da capital por 15 meses.

Cada um dos autores fez registros de sua estadia de uma forma. Brandão reuniu explicações didáticas, reflexões e experiências no livro *O verde violentou o muro*, publicado

<sup>5</sup> „Das in letzter Konsequenz kaum Vorstellbare geschah in den frühen Morgenstunden des 13. August 1961. Um 2 Uhr gingen bei der West-Berliner Polizei die ersten Meldungen über die Absperrung des Ostteils der Stadt ein. Passanten und Anwohner hatten beobachtet, wie Pioniereinheiten im Schutz schwerbewaffneter Volkspolizisten und NVA-Soldaten damit begannen, die Straßen zu den Westsektoren mit Stacheldraht und Spanischen Reitern abzuriegeln. Eine Viertelstunde später riß der Lärm von Preßluftschlämmern die Anwohner der Friedrich-Ebert-Straße aus ihrem Schlaf. SED-Betriebskampfgruppen errichteten Barrikaden aus Asphaltstücken und Pflastersteinen. Ab 2 Uhr war der S- und U-Bahn-Verkehr im Ostteil der Stadt eingestellt. Um halb drei wurde die West-Berliner Polizei in Alarmzustand versetzt. Eine Stunde später rollten Panzer durch den Ostteil der Stadt. Sie bezogen an zentralen Punkten, Unter den Linden, am Alexanderplatz und an der Oberbaumbrücke, Stellung. Immer enger wurde der Absperrungsring um West-Berlin. Um 4.45 Uhr waren 45 der 60 innerstaatlichen Straßenübergänge zu den Westsektoren abgeriegelt. Eine Stunde später waren alle Verbindungen unterbrochen. Noch gelang es einzelnen Flüchtlingen, die Grenzbefestigungen an unübersichtlichen Stellen zu durchbrechen. Einige durchschwammen kurz entschlossen Kanäle und Gewässer. Fassungslos strömten die Berliner in den Morgenstunden zu Tausenden an die inzwischen hermetisch abgeschlossene Grenze, wo sie sich, getrennt durch Stacheldraht und schwerbewaffnete Volkspolizei hilflos gegenüberstanden. In den folgenden Tagen ersetzten Bautrupps die provisorischen Befestigungen durch eine feste Mauer.“



em 1984 e reeditado em 2000, quando foram acrescentados relatos de viagens do brasileiro à Alemanha após a unificação do país. João Antônio escreveu um depoimento para a primeira edição da revista *Nossa América*, publicada em março de 1989. Já Rubem Fonseca esteve em dois momentos em Berlim: em 1985 e em 1989. A primeira viagem inspirou um dos cenários do romance *Vastas emoções e pensamentos imperfeitos* (1988), no qual o autor registra detalhadamente o percurso de travessia da Berlim Ocidental para Berlim Oriental, por meio de um visto diário de turista. No entanto, o registro que será aqui estudado é o texto *Reminiscências de Berlim*, presente na coletânea *O romance morreu* (2007). Já o olhar de João Ubaldo Ribeiro foi registrado sob o formato de crônicas mensais para o jornal alemão *Frankfurter Rundschau*, que desejava ter a visão de um estrangeiro sobre o processo de unificação do país. Quando o autor se preparava para retornar ao Brasil, surgiu a ideia de reunir os textos em uma coletânea, *Ein Brazilianer in Berlin* (1994), que depois foi publicada em português com o título *Um brasileiro em Berlim* (1995).

A leitura comparativa das experiências dos quatro brasileiros nos mostra a complexidade da divisão alemã, já que a perspectiva estrangeira destaca as peculiaridades da situação e as consequências sociais de decisões políticas. A distância temporal entre os registros dos escritores também nos permite visualizar as variações durante a década final de divisão do país. Além disso, as testemunhas tornam a história alemã mais próxima dos brasileiros, que normalmente estudam a divisão da Alemanha como uma das consequências da Guerra Fria, sem, contudo, refletirem sobre o peso social que a demarcação de Zonas de Ocupação significou para a sociedade local.

### **Ignácio de Loyola Brandão (de 1982 a 1983)**

O escritor paulista Ignácio de Loyola Brandão esteve em Berlim de março de 1982 a agosto de 1983. O livro *O verde violentou o muro* (finalizado no Brasil, mas publicado parcialmente em alemão sob o título *Oh-ja-ja-ja* antes de o autor voltar a São Paulo) reúne diferentes recortes de sua vida na Alemanha. Além de suas impressões sobre o país dividido, o autor busca também explicar ao leitor o processo de divisão e os caminhos possíveis para se deslocar da Berlim Ocidental em direção a outras cidades da RFA. Desde o começo, Brandão se coloca como um aprendiz interessado em viver e entender o país



dividido, compartilhando com o leitor a surpresa com as descobertas que faz no seu dia a dia.

Eu imaginava (nunca me ocorreu consultar o mapa, perguntar às pessoas) que Berlim estivesse na fronteira entre as duas Alemanhas: a República Federal (RFA), constituída pelos Estados ocupados pelos Aliados (Estados Unidos, Inglaterra e França), e a República Democrática (RDA), ocupada pelo aliado dissidente (Rússia). Estando em plena fronteira entre as duas, eu podia entender a existência do muro do ponto de vista físico. Era apenas uma barreira. Logo, vi que era bem diferente. Descobri no primeiro dia. Berlim Oeste é uma ilha dentro da RDA. Localiza-se inteira dentro do território do Leste e o muro faz um contorno total, bloqueia, isola, destaca. Qual mancha de óleo dentro da água, solta. Me veio que, em 1969, repórter da revista *Claudia*, vivi situação que me parecia semelhante. Visitei Jerusalém, cidade dividida em zonas que não se interpenetravam, proibidas. Só que ali eram árabes de um lado, judeus do outro.

Em Berlim, não. Alemães e alemães. Descobriria mais com o tempo. Estar em Berlim não é estar na Alemanha. É simplesmente estar em Berlim, um principado como Mônaco ou Liechtenstein. Há um espírito berlinense, uma fala, uma tradição, um comportamento, um modo de ser. (BRANDÃO, 2000, p. 38)

O paulista está sempre atendo aos detalhes, tentando entender as consequências e os significados da vida dentro de um país dividido. Quando vai a outras cidades da Alemanha Ocidental para participar de eventos do DAAD, ele registra momentos que mostram ao leitor as tensões existentes entre os dois estados alemães.

Certo dia, em Colônia, fui comprar passagem de volta. O funcionário da agência, evidentemente novo, não encontrou Berlim na lista de cidades alemãs. Perguntou e obteve do gerente:

- Veja na outra lista. *Berlin ist Ausland!*

Berlim é estrangeira.

Estrangeira para os próprios alemães. *Baile sobre o vulcão*, na definição de uma canção popular. Ilha do mar vermelho, devido à sua posição isolada dentro da Alemanha Oriental. *Cidade das ilusões perdidas*, para um filme que abordou a situação dos travestis que, marginalizados em seu próprio país, aqui se exilam, tranquilos. *Fênix bicéfala*, centro cultural da nação (para o ex-presidente Walter Scheel), lugar privilegiado de intercâmbio entre o Leste e o Oeste (para Willy Brandt), acampamento de esquerdistas e contestadores para os alemães conservadores, um peso difícil de suportar financeiramente para a maioria dos habitantes da República Federal. Cidade ambígua, paradoxal, do desbunde, da decadência, paraíso artificial, alegre, louca, divertida, incompreensível, provinciana, agitada, tranquila. Com o tempo eu compreenderia que Berlim é (ou se torna) aquilo que a gente quer que ela seja. (BRANDÃO, 2000, p. 44, grifos do autor)

O muro é uma constante nos relatos de Brandão. Primeiro lugar que o brasileiro visitou ao chegar na cidade, a relação do autor com a construção vai mudando. Da



curiosidade inicial, os detalhes em torno do Muro de Berlim passam a espantar o escritor e geram reflexões profundas sobre o seu papel na sociedade local.

Junto ao muro, espalhadas pela cidade inteira, centenas de plataformas, postos de observação, em madeira ou tubos de ferro, com três, quatro metros de altura (um dos mais altos fica na Bernauer Strasse, no bairro Wedding). As pessoas sobem para contemplar o lado de lá. O *outro lado*, como dizem, pejorativamente. Suba, olhe para os comunistas! Para quê, se os cidadãos do Oeste podem atravessar, passar o dia no Leste sem maiores dificuldades? A sensação que tenho nesses mirantes é de estar no zoológico a admirar Pandas. Sinto falta de outra tabuleta, nesta cidade onde existem tantas: *Proibido alimentar comunistas*. Ah, sim, tem o lado prático da plataforma. Você vê o outro lado de graça. Porque para atravessar o muro é preciso pagar. O visto custa cinco marcos. E há obrigação de se trocar vinte e cinco marcos orientais ao câmbio de um por um. Trinta marcos equivalem a doze dólares. Troque e gaste, porque é proibido retornar com dinheiro. Nenhuma informação a respeito, mas é proibido. Não se pode sair com um centavo do lado oriental. (BRANDÃO, 2000, p. 53, grifos do autor)

Sempre interessado em estudar a história local e em ouvir depoimentos de alemães, Brandão compartilha com o leitor situações anteriores à sua chegada, registrando assim as mudanças ocorridas dentro das duas décadas de existência do muro. Esse cuidado não visa apenas fazer um registro histórico, mas sim entender a sociedade que o recebe. Se, logo após a construção da barreira, os alemães ocidentais se mostraram prestativos com os fugitivos orientais, com o passar dos anos eles se tornaram apáticos.

Anos atrás, as pessoas que saltavam o muro tinham garantidos, do lado ocidental, uma identidade, uma casa e um emprego. Com os problemas econômicos crescendo gradativamente na RFA, a situação ficou delicada. Os que saltam o muro, antigamente bem-vindos e fartamente utilizados na propaganda, hoje não são mais recebidos com tanta simpatia, porque vêm agravar problemas. Não há casas para dar e muito menos empregos para oferecer. Em setembro de 83 os jornais anunciaram que foram devolvidos à RDA elementos que conseguiram atravessar o muro. (BRANDÃO, 2000, p. 60)

As negociações políticas entre os dois estados alemães também fazem parte dos relatos de Brandão. Como um bom jornalista, pequenos detalhes do dia a dia geram pesquisas com o intuito de entender as peculiaridades do país dividido. Os resultados são extremamente informativos ao leitor, apresentando perspectivas que sequer poderiam ser imaginadas por quem pouco sabe da relação entre as duas Alemanhas.

Assistindo ao filme *Der Mauerspringer* (O saltador do muro), baseado no romance de Peter Schneider, fiquei atordoado. Porque o personagem que se encontrava preso em Berlim Oriental é comprado pela RFA e liberado. Como é isso? Ficção? Perguntei



ao próprio Peter, que escreveu um incômodo livro para as duas Alemanhas. Existe um acordo entre os dois países. Alemão compra alemão. De tempos em tempos, a República Federal injeta enormes quantias de dinheiro na Oriental, recebendo em troca facilidades. Como a não-colocação de obstáculos ao livre trânsito dos trens, dos carros nas free-ways, dos ocidentais em Berlim Leste. E até mesmo para o escoamento de lixo de Berlim Oeste, que é descarregado em terrenos da RDA, mediante pagamento de uma taxa por caminhão. Nessa 'troca de favores', anos atrás foi instituída a 'compra'. A Federal adquire pessoas descontentes, presos políticos e parte daqueles que na Alemanha Oriental solicitam o que se chama 'dispensa de nacionalidade'. Que, aliás, é um processo complicado. Além da 'compra', outro dos meios de sair é casando-se com alguém do lado ocidental. Casamentos que geralmente são desfeitos nos tribunais do Oeste. No sistema de compra, há preços e prioridades. Os mais baratos são as donas de casa e trabalhadores comuns. Um operário com qualificação está orçado entre trinta e trinta e cinco mil marcos (doze a quatorze mil dólares). Técnicos sofisticados (são bem bons na Oriental), como médicos, engenheiros e físicos, custam caro: cento e cinquenta mil marcos. Sociólogo[s] têm cotação mediana: cinquenta mil marcos. (BRANDÃO, 2000, p. 69, grifo do autor)

Conforme o fim do intercâmbio do escritor se aproxima, o peso da convivência com o Muro de Berlim parece aumentar. Se inicialmente o sentimento foi de curiosidade pela construção, após um ano na cidade, Brandão parece ficar cada dia mais perplexo, sem entender como a sociedade berlinense consegue manter uma aparente normalidade dentro das limitações solidificadas pelo concreto.

No final da Ostpreussendamm, antes de virar à esquerda, o ônibus 85 passou por pequena praça. Uma colegial, treze anos mais ou menos, desceu comigo, entrou numa das casas cujos fundos dão para o muro. O que pensa uma menina (criança) destas? Como vê o muro? Alguém explica o significado, o por que se chegou ali? Como é crescer numa cidade que é a mesma, porém não é? Como são essas cabeças? Acredito que nunca nenhum estrangeiro conseguirá alcançar aquilo que nem mesmo os alemães parecem atingir. (BRANDÃO, 2000, p. 149)

Como as experiências de Brandão são narradas em pequenos blocos temáticos de textos, a leitura se torna fácil e rápida, além de dar mais espaço para o leitor refletir sobre cada nova informação. Em consequência, O verde violentou o muro se torna um registro muito vívido a respeito da realidade dentro da Alemanha dividida, sendo significativo para qualquer leitor, independente do conhecimento prévio que este tenha sobre a história alemã ou a Guerra Fria. Inclusive, o livro é uma excelente porta de entrada para quem busca aprender mais sobre este período.



**João Antônio (de 1987 a 1988)**

Antes de João Antônio, Rubem Fonseca esteve por algumas semanas na Alemanha no ano de 1985, no entanto será dado destaque ao seu testemunho da Queda do Muro de Berlim. Por isso, na intenção de seguir uma ordem cronológica, estudaremos antes o relato do escritor paulistano, que esteve na capital alemã entre 1987 e 1988, ou seja, nos anos finais da divisão do país.

Sob o título *Malagueta em Berlim*, oito meses sem sol está a seguinte linha de apoio: “Vivências alemãs de um carioca nascido em São Paulo, surpresas de um escritor brasileiro ‘condenado’ a uma bolsa de estudos que o obrigava a discutir seu processo de criação. Um latino-americano frente ao muro” (ANTÔNIO, 1989, p. 64). Apesar do tom de memória, a narrativa, publicada em março de 1989 na revista *Nossa América*, é construída como se ainda tivesse sido escrita em solo alemão.

Bem. Encapotar-me de novo, sair à rua, um boné de turco – que João Ubaldo Ribeiro me deu, há quatro anos, em Itaparica – me proteja a cabeça do vento siberiano, do chuvisco que pode baixar de uma hora para outra. Luvas, as botas de inverno. E paciência. Sair, ridículo à rua, como os outros a carregar o peso das roupas no corpo. Pior clima, nem São Paulo; não se passa um dia sem virada de tempo. Para pior, claro. (ANTÔNIO, 1989, p. 66)

O relato de João Antônio não é didático como o de Brandão, mas sim irregular, cheio de devaneios, variações de assuntos, idas e vindas. Memórias, observações e sentimentos se misturam. Em lugar de tentar entender a divisão da cidade e do país, ele está mais interessado nas pessoas, especialmente se forem estrangeiros como ele ou, se por algum outro motivo, estiverem à margem da sociedade berlinense.

Meu caminho começa na Uhlandstrasse, entra à direita por Kantstrasse e se enfia para terminar na Bahnhof Zoo, lá onde entre movimento, bulício e rumores são encontráveis tipos vagabundos, homossexuais masculinos que fazem a vida, mal disfarçadamente. Ao lado de bêbados de caras machucadas, escoriações, com o acompanhamento de seus cachorros – nada fuleiros, já que Berlim não admite viralatas ou cachorros de vida livre ou andarilha. Esses bichos aqui são um caso. Muito considerados, fala-se à boca pequena que preferem-se cachorros às crianças. Mas nos dois casos, algo comum: cachorros e crianças são igualmente reprimidos. (ANTÔNIO, 1989, p. 67)



O desinteresse humano dos alemães impressiona João Antônio. Todos os detalhes registrados por ele ressaltam a apatia da sociedade que vive dentro dos limites de um muro. O olhar do brasileiro é politicamente crítico, voltado para as minorias e para as necessidades humanas.

Difícil aceitar algumas coisas no dia-a-dia como ver uma pessoa levar um tombo na rua e olhar os circundantes que, além de não ajudá-la a levantar-se, se põem a rir. Ainda hoje, como no aceso do nazismo, a delação aqui conta pontos, principalmente a favor. O avanço da direita é um fato, o neonazismo ressurgiu, planejadamente, adquire um disfarce de Partido Republicano ou coisa que o valha e elege candidatos até em Berlim. Tudo isso é também consequência de certa inépcia da esquerda. Quando se fala em ecologia, devastação e tragédias contra o meio ambiente, nós, do terceiro mundo, somos taxados de depredadores e irresponsáveis. Mais de 45% das árvores da Floresta Negra estão tecnicamente mortas pelas chuvas ácidas. (ANTÔNIO, 1989, p. 69)

Mas o que talvez seja mais importante em seu depoimento é o registro da melancolia dos berlinenses ocidentais. João Antônio (1989, p. 67) diz: “Quanta infelicidade na fartura, meu Deus! Um subdesenvolvido não entende para que tanta cara ensimesmada se o pessoal consome, consome e continua triste. E consome.” E acrescenta mais adiante: “Notei que no Natal e no Ano Bom, apesar da enxurrada consumista nas lojas e supermercados caros, o maior destaque nas notícias é para o suicídio e a depressão.” (p.69)

Apesar de sua identificação com os estrangeiros, o brasileiro tenta entender a posição em que se encontra o morador da Berlim capitalista, ilhado dentro de outro país. No entanto, isso faz com que as incoerências da cidade se sobressaiam.

Berlim Ocidental é uma ilha cercada de DDR, a República Democrática Alemã, por todos os lados. E trata de ser, até como provocação, uma vitrina ostensiva do capitalismo. Claro, comete seus exageros: os vinte e alguns andares suntuosos do americanizado Europa Center levam um slogan pretencioso, para não dizer ingênuo, de porta de ouro da Europa. E, assim, Berlim Ocidental, por mais que se empeteque como vitrina avançada do capitalismo, provocação aberta para o lado de lá do muro, tem no fundo uma melancolia de si mesma, tristonha e impotente. (ANTÔNIO, 1989, p. 70)

Dentro das contradições percebidas por João Antônio, está a pobreza cultural. Enquanto estrangeiros de diferentes nacionalidades convivem nos subúrbios da cidade, mantendo-se simpáticos e alegres apesar da rotina exaustiva de trabalho e da hostilidade dos anfitriões; os alemães, que estão em casa, se mantêm apáticos nos mais diferentes contextos.



Hoje, a Alemanha que sinto na minha andança ou nesta Berlim ostensivamente transformada em vitrina capitalista, norte-americanizada, descaracterizada, na Germânia, não respira os seus momentos férteis, generosos de criatividade. E é o mesmo país que deu ao mundo Karl Marx, Rosa Luxemburgo, Engels. Não tem um Mozart, um Brecht, um Beethoven, um Kafka, um Musil, um Adorno, um Dürer, um Thomas Mann. Vão longe os dias de novidades maiúsculas. Há moeda forte, riqueza, recursos. E uma ferida aberta para valer, o muro. O Mauer, muralha com presença em tudo, do inconsciente coletivo à psicologia de cada um. Pouco tem adiantado pintá-lo com denúncia, poemas, protestos, insultos, catarses. Ou vômitos. Até isso foi turistizado. Ele está lá. E é. (ANTÔNIO, 1989, p. 71)

As observações de João Antônio se tornam ainda mais significativas quando olhamos para os eventos que se seguiriam. Pouco mais de um ano depois do retorno do escritor ao Brasil, o Muro de Berlim caiu. Essa mudança foi resultado de movimentos populares dentro da Alemanha Oriental, cuja população exigia mais liberdade, especialmente para visitar o país vizinho, onde moravam amigos e familiares que não viam há anos. Do lado ocidental, nenhuma movimentação ocorreu em favor da queda do muro ou da unificação. Possivelmente o discurso oficial dos ocidentais afirmava o desejo da destruição da barreira que cortava Berlim e o país, mas, ao lermos os relatos de João Antônio, fica a pergunta: será que os alemães ocidentais realmente desejavam a unificação?

### **Rubem Fonseca (1985 e 1989)**

Rubem Fonseca morou dois meses em Berlim no ano de 1985. Quatro anos depois, o escritor mineiro voltaria para uma estadia de três meses, quando presenciou a queda do muro e chegou até mesmo a dar seu depoimento para uma emissora brasileira. Essa história vale ser mencionada: o repórter que o entrevistou, não o reconheceu, já que o escritor não se expunha com frequência na mídia. Apenas quando a entrevista foi exibida no Brasil é que o entrevistado, apresentado como José Rubem Fonseca, foi reconhecido como o autor de *Feliz ano novo* (1975).

Essa memória é registrada por Ute Hermanns, que acompanhava o escritor na ocasião, na apresentação da edição alemã do texto *Reminiscências de Berlim*, traduzido por ela e publicado em 2021 em formato digital pelo Ibero-Amerikanisches Institut (Instituto



Ibero-Americano)<sup>6</sup>, porém não é mencionada por Fonseca. Apesar do importante evento histórico que presenciou, o escritor apenas registrou suas memórias berlinenses mais de vinte anos depois. Seu relato é, conseqüentemente, pontual, sem detalhes mínimos como os de Brandão, nem críticas sobre a sociedade local como as feitas por João Antônio.

Em um único texto, Fonseca reúne recordações de diferentes viagens à Alemanha, antes e depois de 1989, mas a maior parte do conteúdo é a respeito dos dias posteriores à abertura da fronteira entre as duas Alemanhas. A primeira parte do relato, sobre 1985, visa apresentar ao leitor o seu primeiro contato com a capital alemã e as diferentes limitações impostas aos moradores, dependendo de que lado do muro estivessem.

Eu morava em Berlim, no lado ocidental, havia alguns meses, na rua Storkwinkel 14, um apartamento confortável que me foi concedido pela Deutscher Akademischer Austauschdienst. Um dia me disseram que o professor Erhard Engler, da universidade Humboldt, no lado oriental, precisava de livros de literatura brasileira. O professor Engler, titular da cadeira de literatura de língua portuguesa da universidade Humboldt, tinha dificuldade de conseguir livros em nossa língua. Havia problemas entre ele e o governo da RDA, e Engler não obtinha autorização para visitar outros países, apesar de ser constantemente convidado. Os livros enviados para Engler pelo correio, não chegavam às suas mãos. Na fronteira, por portador, eram apreendidos. Decidi que levaria os livros contrabandeados, alguns de cada vez. Esses livros eram apenas de literatura brasileira: Clarice Lispector, Erico Verissimo, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade e outros que não recordo e que encontrei numa livraria especializada em literatura brasileira, em Berlim ocidental. (FONSECA, 2007, p. 62)

O mineiro segue explicando como era o processo de travessia da fronteira, experiência transposta para o romance *Vastas emoções e pensamentos imperfeitos* (1988), e finaliza o resgate do período dizendo que gostou tanto de Berlim que, ao retornar ao Brasil, estava decidido a aproveitar a primeira oportunidade que surgisse para fazer um novo intercâmbio na Alemanha. Seu reencontro com Berlim aconteceu em outubro de 1989.

Na noite de quinta-feira, 9 de novembro, eu estava trabalhando no meu apartamento quando ouvi ruído de gritos e buzinas na rua. Passava das vinte e uma horas. Da janela da minha sala, que ficava no primeiro andar, vi que vários dos carros que buzonavam eram Trabis (apelido de certa maneira depreciativo dado aos toscos carros populares Trabant, fabricados na República Democrática da Alemanha). Tendo assistido cinco dias antes, em Berlim oeste, a uma manifestação na avenida Kurfürstendam – ou Kudamm, como era mais conhecida – de centenas de milhares de pessoas repetindo o slogan da passeata de Leipzig no mês de outubro, *Wir sind das Volk* – Somos o povo –, eu estava como que preparado para o grito das ruas

<sup>6</sup> A edição digital pode ser acessada em: <https://www.iai.spk-berlin.de/pt/publicacoes/outras-publicacoes/erinnerungen-an-berlin.html>



exigindo alguma forma de liberdade, como a de viajar, por exemplo. Era evidente que, se os Trabis estavam passeando pela Kudamm, o novo governo, chefiado por Egon Krenz, havia cedido de alguma maneira.

Corri para a Kudamm e notei um número grande de pessoas andando pelas ruas, além dos Trabis buzinando repetidamente, a comemorar a abertura das fronteiras entre os dois lados da cidade.

No dia seguinte, quando a população do leste da cidade teve certeza de que a abertura era para valer, um milhão de pessoas, segundo cálculo feito por um jornal, invadiu Berlim ocidental. (FONSECA, 2007, p.65-66, grifo do autor)

Coincidentemente, nos dias anteriores, Fonseca havia agendado um encontro com o professor Engler, em Berlim Oriental, para o dia 10 de novembro. O registro desse dia é minucioso, já que os dois lados da cidade ainda estavam absorvidos pelas emoções despertadas pela abertura do muro.

Fomos pela S-Bahn da Friedrichstrasse. Entrar em Berlim leste, dessa vez, foi relativamente fácil. Pagamos cinco marcos pelo visto. Creio que havia sido cancelada a exigência de comprar os vinte e cinco marcos da RDA. Não havia as medidas de segurança que eu enfrentara em outras ocasiões. Permitiram que duas pessoas (eu e Ute) entrassem ao mesmo tempo na tal cabine intimidante e claustrofóbica onde, dessa vez, nossos passaportes foram perfunctoriamente examinados; e a primeira porta foi mantida aberta. Finalmente, não criaram problemas com os livros que eu levava para Engler, Vastas emoções e pensamentos imperfeitos em português, Bufo & Spallanzani em alemão e Das vierdes Siegel, uma coletânea de contos meus, também em alemão, editada pela Piper, de Munique. Além disso, eu carregava uma porção de cassetes com música brasileira. (FONSECA, 2007, p. 66)

A movimentação de carros e pessoas atrasou o encontro entre o brasileiro e seus amigos orientais. Durante a espera, o planejamento do dia foi alterado e Fonseca e Ute Hermanns decidiram convidar seus companheiros para irem a Berlim Ocidental.

Nosso convite foi recebido com excitação, mas também com apreensão. Christina nasceu em 1961, no ano em que o muro foi construído. Ela nunca havia estado em Berlim ocidental em toda a sua vida. Na verdade, nunca estivera em lugar algum do mundo, a não ser Berlim oriental. (Atualmente eles já fizeram várias viagens, ao Brasil principalmente.)

“E se não deixarem a gente voltar?”, disse Engler, meio brincando, meio sério.

“Vamos mesmo assim”, respondi. (FONSECA, 2007, p. 67)

Rubem Fonseca, então, narra os lugares visitados e a atmosfera na Berlim Ocidental com tantos visitantes orientais. A descrição do encerramento do dia demonstra como o brasileiro reconhecia a importância daquele momento para a história mundial, mas especialmente para os alemães.



À noite, a Kudamm estava intransitável. Centenas de milhares de cidadãos de Berlim oriental haviam atravessado a fronteira. As pessoas cantavam, se abraçavam, cheias de amor e esperança. Dançavam sobre o muro. Muitos, com martelos e picaretas, arrancavam pequenos pedaços da muralha.

À uma da manhã fomos levar Christina e Engler de volta. [...] Fazia muito frio. Christina se despediu com lágrimas nos olhos. “Foi o dia mais feliz da minha vida”, ela disse.

Ficamos acenando em despedida enquanto eles se afastavam, como se nunca mais fôssemos nos ver. Na verdade nos despedíamos da magia daquele momento, sabendo que aquilo sim, nunca mais se repetiria. (FONSECA, 2007, p. 69-70)

No dia posterior, 11 de novembro, Fonseca tinha um novo compromisso no território da RDA, dessa vez um almoço na embaixada brasileira. O movimento de pessoas continua intenso e a travessia do autor é feita de maneira distinta daquela a que estava habituado. Ele está de carona com um antigo embaixador brasileiro e, dentro do carro, acaba não recebendo a autorização oficial para estar dentro da RDA. Essa preocupação o acompanha durante o dia todo e, quando faz o caminho de volta, seu receio se mostra legítimo. O escritor mineiro é detido, mas logo é liberado graças ao auxílio do embaixador brasileiro. Ao chegar ao lado ocidental, é recebido como se fosse um alemão “do outro lado”, com flores e festejos, pelos que fazem plantão em frente à fronteira entre as duas Alemanhas.

Entrei no U-Bahn que ficava logo em frente ao Checkpoint Charlie carregando o meu ramo de flores. No metrô apinhado, as pessoas persistiam em bater amavelmente nas minhas costas; uma mulher me beijou. Continuei calado para não decepcionar ninguém. Saltei na Adenauer Platz e fui andando pela Kudamm em direção a meu apartamento na Schlüterstrasse, sendo homenageado pelo caminho. Não foi difícil imaginar o que estaria sentindo um verdadeiro alemão do leste. E também pensei que aquilo não podia durar para sempre. Como todos os contos de fada, teria um fim. (FONSECA, 2007, p. 73)

É interessante como, mesmo aderindo facilmente ao papel de alemão oriental e recebendo as felicitações que lhe são dirigidas, Fonseca faz questão de registrar que já então ele percebia a impossibilidade de tamanha alegria e fraternidade durarem muito tempo. Quem, contudo, vivencia e registra esse segundo momento do processo de unificação da Alemanha é o baiano João Ubaldo Ribeiro.

### João Ubaldo Ribeiro (de 1990 a 1991)

A família Ribeiro chegou a Berlim em abril de 1990 e permaneceu na cidade por 15 meses. Em 11 de junho, o jornal Frankfurter Rundschau publica a primeira contribuição do



escritor brasileiro. Como João Ubaldo Ribeiro não domina o idioma, os textos são escritos em português e depois vertidos para o alemão por Ray-Güde Mertin. Menos de uma semana após o primeiro texto (*Ankunft/Chegada*<sup>7</sup>), o periódico publica *Der Stotter* (na edição da coletânea em português recebe o título *O tartamudo de Kufürstendamm*), crônica que apresenta a primeira perspectiva crítica do brasileiro a respeito do cenário alemão.

[...] foi interrompido pelo telefonema de um amigo, a quem se queixou de que Berlim não era mais a mesma, parecia que agora tinha raiva de estrangeiros.  
 - Que nada – disse ele, que é berlinense de nascença. – É raiva de alemão mesmo. Alemão do outro lado.  
 - Como raiva de alemão? E eu por acaso pareço com alemão?  
 - Não, mas pode parecer polonês, romeno, húngaro, iugoslavo... Aqui virou tudo a mesma coisa. Você vai ter que se acostumar com isso, são novos tempos.  
 O Tartamudo do Ku'damm desligou o telefone com um sorriso maquiavélico nos lábios. Ah, então era assim, não era? Muito bem, se o consideravam um inimigo, seria um inimigo.  
 - Mulher – disse ele, entrando na sala onde ela assistia (sem entender nada, mas com dedicação) a um programa da ZDF<sup>8</sup>. – Resolvi assumir. Não é isso que eles querem? Amanhã mesmo, compro um Trabant e vou à luta. (RIBEIRO, 1995, p. 23-24)

A resolução de adquirir o carro tradicional do lado oriental para se tornar “um inimigo” atesta que João Ubaldo Ribeiro logo percebeu a animosidade existente na capital alemã. Quase dois meses depois, algumas semanas antes do contrato de unificação das duas Alemanhas ser assinado, a crônica mais reflexiva do brasileiro é publicada: *Alte, kriegerische Stadt* (A velha cidade guerreira).

Imaginava, antes de chegar aqui, que seria tomado de um sentimento de alegria, euforia mesmo, ao rever este pedaço de Berlim soprado pelos ventos da abertura, da liberdade. Mas o contrário acontece. Penso em minhas andanças pela cidade e, embora continue gostando muito dela, reconheço que não é mais tão afável e amena quanto antigamente. Os visitantes do Leste aglomerando-se, como crianças deslumbradas, nas ruas, lojas, estações e praças, parecem irritar muito os berlinenses deste lado – a vida passou, talvez, a se afigurar desarrumada, quase caótica. As pessoas, ao invés de visitadas, se sentem invadidas. O outro não é mais irmão, seja por nacionalidade, seja por comum humanidade. O outro é um intruso, cuja fala, modos e fraquezas são inaceitáveis. (RIBEIRO, 1995, p. 38-39)

É importante ressaltar que, ao contrário de Brandão, João Antônio e Rubem Fonseca, Ribeiro escreve diretamente aos alemães, então sua crítica visa provocar uma reflexão ao

<sup>7</sup> Já que a apresentação das crônicas segue como referência a publicação no jornal *Frankfurter Rundschau*, os títulos serão apresentados em alemão, sendo indicados, na sequência, os títulos em português com base na coletânea brasileira, publicada pela editora Nova Fronteira em 1995.

<sup>8</sup> ZDF (*Zweites Deutsches Fernsehen*) é um canal estatal da televisão alemã.



leitor. De sua posição de estrangeiro, ele observa a convivência entre os alemães que, durante todo o tempo em que estiveram separados, garantiram querer estar juntos. Após a euforia da Queda do Muro de Berlim, a alegria foi substituída pela frustração.

A solidariedade, antes retórica, hoje há que ser concreta e, de novo, a distância entre as palavras e os atos se mostra bem maior do que previam o discurso abstrato e a emoção vicária. O que está acontecendo não é o que tanto se queria? Queria-se mesmo? Como tudo parecia fácil antes de o muro cair, como surgem dificuldades agora – será que a Humanidade nunca acerta?

Não tenho medo dos alemães, como tantos dizem ter, até mesmo muitos alemães com quem converso. Não tenho medo da velha cidade guerreira. Mas tenho medo de gente em geral e resolvo sair deste lugar aonde vim passear. Vou para o ponto de ônibus, passo por um grupo de aspecto tímido, homens, mulheres e crianças carregando sacolas e falando baixo. “Polen”, resmunga uma mulher junto a mim, com um olhar antes muito raro aqui, e acrescenta qualquer coisa que não entendo, mas de que tenho certeza de que não gosto. (RIBEIRO, 1995, p. 39-40)

Em 20 de outubro de 1990, cerca de duas semanas após a oficialização da unificação alemã e a poucos dias da celebração de um ano da Queda do Muro de Berlim, Ribeiro publica a bem-humorada crônica *Organisiertes Leben* (Vida organizada), onde discorre sobre os inúmeros significados que a palavra “amanhã” possui na língua portuguesa. A motivação do assunto é o convite para uma palestra com meses de antecedência. Incapaz de prever se poderá participar do evento, o brasileiro pede que voltem a telefonar no dia seguinte.

Mas claro que não sei o que dizer amanhã e fui dormir preocupado, tanto assim que ainda incomodei minha mulher com uma cotovelada. Afinal, os alemães são organizados, é uma vergonha a gente não poder planejar as coisas tão bem quanto eles. Que é que eu faço?

- Ora - respondeu ela, retribuindo a cotovelada -, pergunte a eles se os alemães planejaram a reunificação para agora. E, se ele for berlinense, pergunte se ele não preferia deixá-la para amanhã.

- Touché - disse eu, puxando o cobertor para cobrir a cabeça e resolvendo que amanhã pensaria no assunto. (RIBEIRO, 1995, p. 55-56)

As críticas encobertas pelo bom humor são mantidas em textos seguintes, como *Dichterlesung* (Problemas de intercâmbio cultural) e *Die Suche nach den Deutschen* (Procurando o alemão). Nessa última, publicada em junho de 1991, Ribeiro apresenta dados estatísticos sobre a falta de identidade dos alemães. Às vésperas do final do seu intercâmbio, o brasileiro explica ao leitor que, por meio de um amigo, descobriu que, depois de mais de um ano na Alemanha, nem ele, nem a família conheceram um alemão de verdade.



Depois dessa descoberta, fizemos diversas tentativas de conhecer um alemão, mas todas, apesar de muito esforçadas, têm invariavelmente falhado. Entre nossos amigos de Berlim, não há um só alemão. Em números aproximados: 40% se acham berlinenses e consideram os alemães um povo exótico que mora longe; 30% se sentem ofendidos com a pergunta, indagam se estamos querendo insinuar alguma coisa e fazem um comício contra o nacionalismo; 15% são ex-Ossis<sup>9</sup> que não conseguem se acostumar a não ser mais Ossis; e os restantes 15% não se sentem alemães, povo sombrio, sem graça, fechado etc., etc. (RIBEIRO, 1995, p. 102-103)

O texto antecede a despedida oficial do brasileiro como colunista do periódico *Frankfurter Rundschau*. Todas as crônicas, somadas ao texto especial para o jornal *Die Zeit*, foram reunidas no livro *Ein Brasilianer in Berlin* (Um brasileiro em Berlim). Já no Brasil, Ribeiro escreveu um último texto para servir de fechamento à coletânea. Nela, olhando à distância o cenário alemão e as experiências que ele e sua família vivenciaram no país recém-unificado, o baiano apresenta uma conclusão bastante significativa.

Há novos muros de Berlim, novas cortinas de ferro, novas barreiras, ódios velhos renovados. Os famintos e perseguidos batem à porta dos prósperos – prósperos estes muitas vezes às custas dos que exploraram tanto tempo – e as portas se fecham. O diferente é visto com desconfiança ou desprezo.

O diferente é inimigo, o fanatismo substitui a razão e a fraternidade, as religiões humanistas se pervertem, o homem é cada vez mais o lobo do homem. Lobo ainda pior do que o de Hobbes, porque muitas vezes não reconhece plena humanidade no objeto de seu desprezo. E tudo isso por quê? Por causa de uma centelha de vida insignificante, frágil, efêmera e quase sempre ridícula, num planetinha pretensioso, entre pessoas e povos ainda mais pretensiosos, que julgam, temem e odeiam os outros pela língua, pela cor, pela cara, pela comida e por tantas outras coisas que não têm importância para o espírito e a vida. A diversidade é a glória do homem, mas a rejeitamos pelo desejo de uma uniformidade castradora e falsamente segura. (RIBEIRO, 1995, p. 135-136)

## Considerações finais

Ignácio de Loyola Brandão e Rubem Fonseca também registraram seus reencontros com a Berlim unificada. Na edição atualizada de *O verde violentou o muro*, publicada em 2000, o autor recorda diferentes viagens à cidade durante a década de 1990, contrastando o novo cenário com as memórias acumuladas durante seu período de bolsista do DAAD.

O muro fazia uma curva, seguia para a esquerda. Penetramos no que foi terreno proibido. Tranquilidade, são nove da noite e ainda há luz do dia. A rua se chama

<sup>9</sup> O termo *Ossi* tem origem na palavra *Osten* (leste) e faz referência aos alemães orientais.



Stein. Vamos na direção do bosque, penetramos no caminho asfaltado dos vigilantes armados. Indefinível sensação. Adrenalina correndo à custa de lembranças. As mudanças da história. Estamos no meio do terreno que permaneceu inacessível por 28 anos. Todas as memórias lidas, sabidas, vêm à cabeça, imagens não se ajustam. Descompasso. A “estrada da morte” tem o aspecto de ciclovia inocente. (BRANDÃO, 2000, p. 326)

Diferentes pontos da cidade inspiram recordações e reflexões, além de sentimentos contraditórios diante do impacto causado pelas mudanças. A conclusão de Brandão parece se basear na esperança de dias melhores, apesar de reconhecer que a Alemanha ainda precisa de tempo para se sentir unificada.

Berlim me pareceu estilhaçada, buscando nova identidade. Talvez demore algum tempo para ela se recompor, se reformar. Em um século passou por muitos ciclos, se fez, se desfez, se refez, se arranjou. Há, como em geologia, um processo de acomodação de camadas de terreno, as pessoas procurando, tentando aqui, ali, até encontrarem um lugar, um ponto.

Para mim, que não encontro um lugar no mundo, inquieto onde esteja, sem descobrir um sentido para a vida, ela continua uma cidade de momentos, de fragmentos que me parecem congelados e que me acompanham. (BRANDÃO, 2000, p. 396)

O estranhamento também faz parte do reencontro de Rubem Fonseca com a cidade. Ao fim de *Reminiscências em Berlim*, o mineiro reflete sobre o papel da televisão no processo de unificação em detrimento da pouca atividade dos intelectuais locais, além de ressaltar outras cicatrizes do processo de unificação, como o aumento do desemprego dentro do antigo território da RDA. A síntese de sua visita à cidade unificada, em 1994, demonstra suas incertezas sobre a nova Berlim.

Quatro anos depois, voltei a Berlim. Descobri, nessa terceira visita, que muitos alemães dos dois lados ainda se sentiam divididos depois da queda do muro; a muralha continuava na mente deles, um muro intangível que não pode ser derrubado por picaretas, tratores ou dinamite.

Antes, as cidades divididas sentiam-se seguras, à sua maneira. Notei, então, que não mais existia a Berlim oriental mergulhada na protetora placenta comunista e que também acabara a Berlim ocidental, recipiente privilegiado das benesses capitalistas. A cidade unificada ficara diferente. (FONSECA, 2007, p. 76)

Apesar da distinção no formato dos relatos, ou talvez até mesmo em razão disso, a sequência narrativa da divisão de Berlim, com e sem o muro, por olhos brasileiros registra perspectivas bastante significativas sobre a separação da Alemanha e, principalmente, de sua capital. A importância do olhar estrangeiro é atestada pela publicação dos escritos de



Brandão, Fonseca e Ribeiro em alemão. No Brasil, os textos brasileiros podem servir de base não apenas para uma melhor compreensão sobre o período em questão, mas também sobre as cicatrizes que decisões políticas podem causar – partindo da eleição de Hitler, responsável pelo início da Segunda Guerra Mundial; passando pela decisão dos Aliados em dividir a Alemanha em Zonas de Ocupação e pela construção do Muro de Berlim; e culminando na oficialização de uma unificação que, no contexto social, seria muito mais complexa.

## Referências

ANTÔNIO, João. Malagueta em Berlim, oito meses sem sol. **Nossa América**, p. 64-71, mar.- abr., 1989, n.1.

BENDER, Peter. **Episode oder Epoche?** Zur Geschichte des geteilten Deutschland. München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 1996. 289 p.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. **O verde violentou o muro**. 13. ed. São Paulo: Global, 2000. 398 p.

DIRLMEIER, Ulf; GESTRICH, Andreas; HERRMANN, Ulrich; HINRICHS, Ernst; JARAUSCH, Konrad H.; KLESSMANN, Christoph; REULECKE, Jürgen. **História alemã: do século VI aos nossos dias**. Tradução Marian Toldy e Teresa Toldy. Lisboa: Edições 70, 2015.

FONSECA, Rubem. **Erinnerungen an Berlin**. Berlin: Ibero-Amerikanisches Institut, 2021. Übersetzt und mit einer Hommage von Ute Hermanns. Disponível em: [https://publications.iai.spk-berlin.de/receive/iai\\_mods\\_00000108](https://publications.iai.spk-berlin.de/receive/iai_mods_00000108). Acesso em: 13 ago. 2023.

FONSECA, Rubem. **O romance morreu: crônicas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 198 p.

FONSECA, Rubem. **Vastas emoções e pensamentos imperfeitos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2010. 318 p.

KIELMANSEGG, Peter Graf. **Das geteilte Land: deutsche Geschichte 1949-1990**. München: Pantheon, 2007. 765 p.

MÄHLERT, Ulrich. **Kleine Geschichte der DDR**. 6. ed. München: Verlag C. H. Beck, 2009. 208 p.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Ein Brasilianer in Berlin**. Frankfurt Am Main: Suhrkamp Taschenbuch, 1994. 104 p.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Um brasileiro em Berlim**. Ein Brasilianer in Berlin. 5. ed. Frankfurt: TFM, 2017. 162 p. Übersetzt von Ray-Güde Mertin.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Um brasileiro em Berlim**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. 159 p.

